

## EM BUSCA DE UMA ANCESTRALIDADE BRASILEIRA

Daniel Mundurucu <sup>1</sup>

*“O importante é não estar aqui ou ali, mas SER. E ser é uma ciência feita de pequenas e grandes observações do cotidiano dentro e fora da pessoa. Quando não executamos essas observações, não chegamos a ser; apenas estamos desaparecendo”.*

*Carlos Drummond de Andrade*

Nasci índio. Foi aos poucos, no entanto, que me aceitei índio. Relutei muitas vezes em aceitar esta condição. Tinha vergonha, pois ser estava aliado em uma série de chavões que cuspiam sobre mim: índio é atrasado, é sujo, preguiçoso, malandro, vadio... Eu não me identificava com isso, mas nunca fiz nada para defender minha origem. Carreguei com muita tristeza os apelidos que recaíam sobre mim: índio, juruna, aritana, peri... E tive que conviver com os males que a civilização tem de pior, que é ignorar quem traz em si o diferente.

Ainda jovem, me vi em crise de identidade. Aceitar minha origem significava ter que abandonar uma série de comportamentos que já estavam introjetados dentro de mim e eu não tinha coragem de fazer isso. Via que as meninas de minha idade se afastavam de mim e aliei o fato de ser índio à idéia da falta da beleza. Seria feio? Achava que sim. De outro modo, como entender que as meninas se afastassem de mim não tinham interesse em me namorar?...

Nestas minhas idas e vindas da aldeia para a cidade é que pude ir entendendo o que a cidade tinha para me oferecer. E ouvindo as histórias que meu velho avô contava, foi que percebi o que os povos tradicionais podiam oferecer à cidade. Foi um caminho difícil de fazer, mas o início desta história chamava-se Apolinário.

Apolinário era o nome do meu avô. Era porque já faz muito tempo que ele nos deixou, indo morar na nascente do Tapajós, lugar para onde vão as almas iluminadas. Foi com ele que aprendi a ser índio. É claro que naquela época eu não tinha absoluta certeza disso, mas desconfio que ele sabia exatamente onde queria chegar e foi me introduzindo no universo da sabedoria indígena. Hoje sou um saudoso e agradecido neto. O interessante é que muito deste conhecimento ele passou-me sem dizer palavra alguma. Ele o fazia no silêncio de sua vida, na perfeita harmonia com que vivia, no seu rosto sereno e seu assentar-se de cócoras sobre o calcanhar e permanecer horas numa calma posição de meditação profunda. Talvez tenha sido esta a primeira grande lição: o silêncio.

Quando o velho Apolinário morreu eu tinha apenas 12 anos de idade e acompanhei meu pai ao seu velório na aldeia. Naquela ocasião eu estava em Belém do Pará, onde morava com meus pais e estudava. Fiquei muito triste com a notícia e fiz questão de acompanhar meu pai. Quando cheguei lá todos estavam muito tristes. Fiquei olhando o rosto sereno do meu avô. Ele já estava bem velhinho. O interessante é que, ao fitar o rosto dele, tinha a impressão que ele também me olhava, estava dentro de mim para contar-me – talvez lembrar-me – qualquer coisa que eu estava esquecendo. Foi aí que eu lembrei um fato curioso que ocorreu numa determinada situação:

Sempre que eu vinha da cidade para a aldeia chegava muito agitado, confuso, inquieto. O velho ficava observando meus movimentos de forma muito discreta, não deixando que eu percebesse que ele acompanhava meus modos. Num determinado momento ele me convidou para tomar banho no igarapé que corria perto da aldeia. Fui sem atentar para nada que fosse anormal no comportamento do velho. Ao chegar ao rio ele pediu que fosse até uma pequena queda d'água e sentasse numa pedra e observasse todos os movimentos que o rio fazia. Entendi menos ainda o que pretendia. Enquanto permaneci ali ele não se moveu do lugar.

Acocorou-se na parte baixo do rio e jogou água sobre seu corpo com as mãos em concha. Vez ou outra olhava para mim e apontava para a água como se dizendo que eu também devia olhar para ela.

Passaram-se muitas horas. No final, ao invés de estar cansado por estar em uma posição pouco cômoda, sentia uma estranha paz percorrer meu corpo. Então ele levantou-se e me chamou dizendo: "Hoje você aprendeu algo novo. Nunca se deixe levar pelo barulho interior. A gente tem que ser como um rio. Não há empecilho no mundo que o faça sair do seu percurso. Ele caminha lento, mas constantemente. Ninguém consegue apressar o rio. Nunca ninguém vai dizer ao rio que ele deve andar rápido ou parar. Nunca apresse o rio interior. A natureza tem um tempo e nós devemos seguir o mesmo tempo dela".

Era assim o velho Apolinário. Homem de poucas palavras, mas de sabedoria infinita.

Em outra ocasião, o velho me surpreendeu com uma coisa tão bonita que fiquei muito impressionado. Na última vez que fui à aldeia ele me chamou de lado e, deitado na rede, sussurrou ao meu ouvido: "Existem apenas duas coisas importantes que as pessoas saibam para viverem suas vidas: 1) Nunca devem se preocupar com coisas pequenas; 2) Todas as coisas são pequenas".

Não é fantástico? E me surpreendeu ainda mais o fato de, após ter lido muita coisa sobre outras culturas, encontrei as mesmas falas nos velhos tradicionais destas mesmas culturas. Fiquei admirado com o fato de saber que velho Apolinário não sabia ler nada, nunca viajou para outros lugares e, no entanto, era possuidor de uma sabedoria semelhante a todos os grandes mestres tradicionais!!!!

Ali, estendido na rede, estava o corpo d um homem que me ensinou a ser homem. Com sua morte ele me fazia nascer para a minha própria vida.

É claro que não foi automático do jeito que parece aqui, mas foi o primeiro passo para compreender a mim mesmo no universo e isso me dá um novo álibi para usar as narrativas míticas para falar às pessoas com a mesma paixão com que meu velho falava para mim. Acho que foi assim que surgiu em mim o interesse de narrar histórias para ajudar as pessoas a olharem para dentro de si mesmas e compreenderem sua própria história de vida e aceitá-la amorosamente.

Uma das coisas que aprendi quando criança é que todas as pessoas merecem nossa reverência, por mais insignificantes que possam parecer. Na verdade, a gente deve aprender que não existem coisas insignificantes e que todos os seres vivos fazem parte da grande teia da vida da qual não somos donos, apenas um de seus fios. Entender as coisas e as pessoas desse modo é dar a elas um voto de confiança e acreditar na possibilidade de elas serem melhores do que são. Para isso é preciso que elas se descubram dignas. É daí que parto quando conto minhas histórias e as histórias que ouvi da boca do velho Apolinário. Faço com que as pessoas acreditem que há magia por trás das palavras; magia essa que só pode ser capturada por um ouvido interior que foge à razão. Ninguém pode querer ouvir a narrativa da criação do mundo com ouvidos racionais. É preciso ouvi-las com o coração. Se elas conseguirem adormecer dentro do coração, quando acordarem sairão histórias novas, contadas a partir de um sonho do contador. Penso que é preciso que as pessoas ouçam suas próprias histórias e as recontem, sempre...

Na minha pouca experiência com crianças, adultos, educadores, esotéricos e outros "malucos", fui percebendo que as pessoas adoram biografias. Todo mundo gosta de saber o que o outro já construiu na própria vida, o que ele fez, como conseguiu ser bem-sucedido, como obteve seus títulos, como viveu sua infância... Todos têm muita curiosidade em descobrir o que leva uma pessoa escolher o caminho que hoje trilha. Aprendi com isso que uma das maneiras mais interessantes de falar às pessoas de forma agradável é contar-lhes um pouco de minha história, a fim de que possam pensar na própria vida e do jeito que ela está sendo construída. Desse jeito penso que fazer com que as pessoas percebam que somos a continuação de um fio que se constrói no invisível. Pensem nisso... Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás... Vindo de outros lugares... Iniciado por outras pessoas... Completado, remendado, costurado

e...Continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia.

Sei que estou falando para educadores - sejam professores, pais, mães. Sei que falo para pessoas que querem dar a seus educandos e filhos o melhor de si e de seus conhecimentos. No entanto, ousou perguntar sem pretensão de ser chato: será que nossos educadores conhecem sua ancestralidade? Será que têm conhecimento da história de sua família, sua ascendência? Será que nossos educadores se preocupam em conhecer sua história de vida e ajudam os educandos a conhecer sua própria história?

Penso nisso sempre que me confronto com uma constatação: entre os índios não existe crise existencial. Paro e me pergunto por quê. Constato que entre os povos indígenas não se criam angústias. As crises nascem da angústia. A angústia nasce da necessidade de escolher... Isso vira um círculo vicioso e o vício torna a vida uma busca insana pela felicidade que, dizem, se encontra no conforto, na fuga da dor, no consumo. O consumo, por sua vez, torna as pessoas egoístas e o egoísmo trás solidão e a solidão tristeza e a tristeza a falta de alegria e a falta de alegria gera angústia e a angústia trás a crise e esta é causada pela falta de rituais que dêem sentido à existência das pessoas. As pessoas não têm onde se apegar, pois não têm uma tradição, uma ancestralidade.

Onde quero chegar? Quero chegar no presente. O índio não tem crise existencial porque vive no presente, sem esquecer o passado e sem desejar o futuro. Ouvi do meu sábio avô mais esta máxima: se o momento atual não fosse bom, não teria o nome de presente. Querem coisa mais sábia? O nosso grande presente, o presente que a vida nos proporciona é justamente o agora. Entre os índios Mundurucu e outros que conheci, toda vez que se recebe um presente usa-se na mesma hora. E sabem por quê? Porque presente não se usa no futuro. Mas o presente é vivido e empolgante quando ele está estruturado, alicerçado por toda a teia da vida e de ancestralidade de uma pessoa ou grupo de pessoas. É aí que mora a força da tradição indígena, da família indígena, da educação indígena.

Tenho percebido que as escolas vivem um grande dilema na educação de seus educandos. A instituição acabou assumindo um papel que antes cabia à família. Escola - ao mesmo como entendo - nunca foi um lugar para educar crianças e jovens. Ela sempre foi um lugar onde se passa um conhecimento da tradição ocidental, um conhecimento científico que pudesse ser aprendido e, depois, ampliado. Educação cabe à família. Educar é inculcar valores nas pessoas. Valores são atributos de pessoas, não de instituições. Pessoas vivem valores, fatalmente os filhos também viverão e assumirão um comportamento mais adequado. E quando os pais não os têm? Sobra para a instituição escolar. Isso arrepiou os educadores, não é verdade? Arrepiou por dois motivos:

1. porque o educador passa a ser um referencial para o crescimento pessoal do aluno e
2. porque tem que conviver, muitas vezes, com o descaso dos pais e com o enfrentamento de uma realidade para a qual o próprio educador não está preparado.

Algumas escolas estão resolvendo isso criando disciplinas que ensinem valores humanos para os alunos. Há escolas que estão tentando descobrir um jeito de substituir os pais no processo educativo. Isto é sintoma de que a sociedade brasileira não anda bem.

Uma solução é fazer com que os alunos busquem sua ancestralidade. Quando a gente se percebe continuador de uma história, nossa responsabilidade cresce e o respeito pela história do outro também. É preciso trazer a figura dos antepassados para dentro da escola. Trazer suas histórias, seus comprometimentos, suas angústias, sua humanidade. É preciso fazer com que nossas crianças possam buscar a riqueza dos ancestrais, dos avós, bisavós. É preciso abrir espaço na escola

para que o velho avô venha contar histórias que ele ouvia na sua época de criança e ensine e cante as cantigas de rodas. Tudo isso não como saudade de um tempo que já se foi, mas para dar sentido ao presente; para trazer a emoção de terem vivido um tempo que muito pode ensinar aos jovens modernos. Tenho certeza que isso dará um ânimo novo nos educandos e renovará o sentido de família, de pertencimento a um grupo, a um povo, a uma nação. É isso que eu sentia quando ouvia as histórias de meu avô e me fez superar minhas crises de identidade e compreender as coisas que são importantes para o meu povo. Talvez isso crie uma nova identidade para o povo brasileiro.

---

<sup>1</sup> *Formado em Filosofia, com licenciatura em história e psicologia. Mestre em Antropologia social da Universidade de São Paulo (USP). Índio da nação Mundurucu - Pará.*

Esse texto faz parte da seguinte publicação:

PREFEITURA DE ALVORADA. Secretaria Municipal de Educação. FAZENDO ESCOLA, vol 02, ano 2002, p. 40-42.